

JÉSSICA SOARES OPIECHON
LICENCIATURA EM HISTÓRIA / 4º PERÍODO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ

GEORGES CUVIER: A INSPIRAÇÃO DE UMA ASPIRANTE A HISTORIADORA

Concurso *Meu Cientista Favorito*,
promovido pela Pró-Reitoria de Pesquisa
e Pós-Graduação da Pontifícia
Universidade Católica do Paraná.

CURITIBA

2014

GEORGES CUVIER: A INSPIRAÇÃO DE UMA ASPIRANTE A HISTORIADORA

OPIECHON, Jéssica S. (PUCPR).
jessicashamin@hotmail.com / (41) 9921-1530.

1 INTRODUÇÃO

Jean Leopold Nicolas Frédéric Cuvier, é o nome verdadeiro do renomado naturalista do século XIX que passou a ser chamado de Georges, pela mãe, após o falecimento do irmão mais velho que levava este nome. Cuvier foi o responsável pelo que chamamos hoje de Paleontologia, a ciência que estuda os fósseis, dentro da área de História Natural e Teorias da Terra. Isto segundo Felipe Faria – brasileiro, nascido em Santos, formado em Biologia pela UFSC, com doutorado em Ciências Humanas e pós-doutorado em Filosofia, além de ser o autor do livro que utilizarei para discorrer sobre Cuvier – que estudou a fundo seus métodos para o desenvolvimento dessa ciência. Já neste ponto do texto (ou talvez até imediatamente no título), deve ter-lhe ocorrido o por que de uma aspirante a historiadora ter como cientista favorito – ou até mesmo ter um cientista, já que muitos possuem o pensamento estacionado em um século anterior ao XIX onde a História não é considerada ciência – um naturalista como o Cuvier, que seria muito mais propício a uma área como a Biologia, como o foi ao biólogo Felipe Faria. Sinto-lhe informar que terá de ler muito mais que esta pequena introdução para entender este ponto, mas já adianto que o mundo não pode ser fechado em “gavetas”, como diria nas suas aulas o profº Mario Betiato de Cultura Religiosa na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Já sabiam os antigos gregos que todas as coisas que existem no mundo estão completamente interligadas e, como diria o escritor Bill Bryson, essa é provavelmente a maior verdade de todas.

2 DESENVOLVIMENTO

“Não é o senhor Cuvier o maior poeta de nosso século?” (BALZAC, 1883, p.73).

É exatamente com esta frase que Faria abre sua introdução no livro “Georges Cuvier: Do estudo dos fósseis à paleontologia” que emprestei da biblioteca da universidade neste semestre de 2014. Cuvier, além de cientista, poeta? Honoré de Balzac, diz que cientistas e poetas não deixam de aproveitar as inspirações que o conhecimento científico possibilita e, considerando este quesito, Cuvier foi um grande poeta.

Este cientista se apropriou do método da anatomia comparada – método este que usa formas de vida conhecidas hoje para desvendar aquelas vistas em fósseis, comparando suas estruturas – e a tornou em algo de uma dimensão nunca vista antes na História Natural. Saído de uma cidade chamada Montbéliard, na França, lutou para chegar em Paris, e subiu muitos degraus para chegar na posição de vice-reitor do Museu Nacional de História Natural da França, onde conheceu pessoalmente personalidades como Napoleão Bonaparte, e permaneceu até o dia de sua morte.

Cuvier fez o que nenhum cientista havia conseguido fazer antes: Amigos. Na verdade muito mais que amigos, ele montou uma rede de ajuda mútua entre cientistas de diversos países. A área de Teorias da Terra nunca cresceu como o fez neste período. Mesmo em época de guerra, a correspondência que Cuvier travou desde o início de sua carreira com cientistas de diversas localidades do globo, foi fundamental para o seu sucesso. Era através de artigos publicados em periódicos científicos e cartas que o naturalista conseguiu acesso a fósseis, desenhos destes e pesquisas de outras personalidades da ciência.

Cada pequena paz travada naquela época de guerras entre os países, era comemorada pelos cientistas, que aproveitavam para viajar e conhecer pessoalmente diversos achados fósseis. Em uma dessas viagens, Cuvier foi a Harlem, na Holanda, onde em visita ao Museu Teyler, pediu ao diretor – na época o Senhor Van Marum – para dar uma olhada no antropólito de Scheuchzer, que disse em 1726, ter encontrado uma testemunha humana do dilúvio bíblico – teoria catastrofista muito em voga na época. Cuvier após utilizar seu método de anatomia comparada, já muito aceita dentro da comunidade científica, pede ao Senhor Van

Marum para terminar de escavar a rocha onde o fóssil de encontrava – e após isso, descobre-se que o que acreditava ser um homem que presenciou o dilúvio que limpou a Terra, na verdade tratava-se de um fóssil de uma salamandra gigante. Através da comparação de estruturas, foi possível verificar sua semelhança com as atuais salamandras e comprovar a eficácia do método de Cuvier.

Aqui cabe um adendo muito importante em defesa de meu cientista favorito: Quem conhece Georges Cuvier, provavelmente o conheceu como um defensor do criacionismo. Mas como eu acabei de relatar – e relato apenas o que já escreveu Faria em seu livro – Cuvier foi um injustiçado neste quesito. Ele foi sim um defensor do catastrofismo e não do criacionismo. Um defensor também da teoria da extinção das espécies (que ia em oposição a teoria do transformismo). Esta crença de que Cuvier era um criacionista, surgiu na tradução para o inglês de um de seus livros, edição esta feita pelo geólogo escocês Robert Jameson (1774 – 1854), como escreve Felipe Faria em seu livro.

Sem poder interferir na publicação, Cuvier vê seu discurso preliminar ser desmembrado e receber um título que ele certamente teria evitado: *Essay on the theory of the Earth with mineralogical notes, and on account of Cuvier's* (Ensaio sobre a teoria da Terra, com notas mineralógicas e um balanço das descobertas geológicas de Cuvier). Era uma distorção do que Cuvier havia pronunciado sobre aquela obra ser um trabalho voltado para construção futura de uma verdadeira teoria da Terra [...]. Outra distorção dos propósitos e ideias de Cuvier consta no prefácio, quando Jameson afirma que “o assunto do dilúvio formava o principal assunto desse elegante discurso” (JAMESON, 1817, p.i-ii)

Felipe Faria continua dizendo que esta tradução rendeu grande sucesso de vendagem, já que era um assunto em alta principalmente no Novo Mundo. Mas, como continua Faria, o que Cuvier realmente apresentava era a sobreposição das histórias, relacionando as narrativas sobre um dilúvio presente na cultura de diversos povos, com a história natural do que na realidade poderia ter acontecido, e utilizando para isso, os fósseis.

Então chegamos a uma questão-chave: “O quanto a História Civil está relacionada com a História Natural? Até que ponto a história civil e religiosa dos povos concordaria com os resultados da observação da história física da Terra?” (CUVIER, 1812). Esta é exatamente a relação que Cuvier desejava tanto demonstrar, sendo o primeiro a tratar os fósseis não como meros dados, mas como documentos históricos.

Agora ficou fácil identificar minha relação com este naturalista. Sou aspirante a historiadora, estudante da história das civilizações, mas também sou ambientalista, defensora do meio ambiente e da ecologia, querendo que estas duas realidades, da Nooesfera e Biosfera de Vernadsky, se associem. Que não sejam mais “engavetadas” separadamente, mas que elas possam englobar uma a outra, mostrando serem essenciais para uma sociedade que pretende caminhar ao século XXII. E para finalizar, eu prego o diálogo como a principal solução para os problemas contemporâneos. A partir disso, Cuvier torna-se para mim um exemplo, visto que em uma era de conflitos e constante mudança no século XIX, foi um batalhador pela integração da comunidade científica, e não apenas das Teorias da Terra, mas também de áreas como a medicina, tendo sucesso em unir pela primeira vez a ciência em prol de uma atividade comum e ainda, incentivando-os a continuar. Georges Cuvier foi não apenas um simples naturalista ou cientista, mas alguém que lutou por um sonho e, citando novamente Balzac, ele foi um verdadeiro poeta.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentei a vocês durante este ensaio o meu cientista favorito, com todos os meus argumentos para isso. Mas gostaria de concluir, com algumas reflexões a respeito do tema. Muitas escolas dessa universidade, não conseguiram se encontrar em meio ao título, crendo que em suas áreas não há cientistas e que os mesmos pertencem a disciplinas mais exatas. A palavra “cientista”, assim como a palavra “doutor” – e sobre ela eu poderia escrever um outro ensaio inteiro – não são aplicadas adequadamente e isso deve-se, como diz Marc Bloch “a sociedade que tem o impicante costume de mudar de hábitos mas não de vocabulário” (BLOCH, 1949). É no século XIX que muitas áreas definem-se como ciências, com seus devidos objetos de estudo e análises. E cabe a nós então, sermos chamados todos de cientistas – a mim e meus colegas graduandos, aspirantes ainda – podendo eu escolher um historiador como Eric Hobsbawm, Jacques Le Goff ou o próprio, e já citado, Marc Bloch para ser o meu cientista favorito. Escolhi porém Cuvier, para provar a interdisciplinariedade e a identificação que alguém pode ter com uma personalidade que viveu há tanto tempo, que lutou por algo e que impulsionou tantos outros a lutarem também, e não só apenas a luta por aquela posição de destaque que todos querem atingir durante a vida, mas também pelo seu devido correspondente, aquilo que sonham em seus corações.

4 REFERÊNCIAS

FARIA, Felipe. **Georges Cuvier**: do estudo dos fósseis à paleontologia. 1º Edição. São Paulo: Editora 34, 2012.